

Aspectos da organização social e da cultura indígena Mundurukú: uma visão de dentro

Ademir Kabá Mundurukú

Orientador (a): Dra. Claudia López Garcés

O interesse de pesquisar os aspectos da organização social e da cultura Mundurukú, surgiu a partir da leitura de obras produzidas por viajantes e antropólogos nacionais e estrangeiros sobre nós Mundurukú. Sendo membro da sociedade Mundurukú, vivenciei a minha vida até aos treze anos de idade na aldeia. Por isso resolvi fazer uma auto-etnografia para analisar até que ponto nós nos vemos refletidos na visão desses estudiosos. Pois, tudo que foi escrito sobre nós Mundurukú, foram estudos realizados por pessoas de fora: antropólogos, viajantes e cronistas, que escreveram sobre nós, distante no tempo e no espaço. Neste trabalho pretendo realizar uma análise crítica das literaturas produzidas por esses estudiosos, sobre a nossa realidade, partindo da nossa própria percepção. Pois, o desconhecimento da nossa língua, por parte desses estudiosos, pode conduzir a interpretações equivocadas sobre nossa organização social e sobre nossa cultura.

O trabalho realizou-se em duas etapas. Na primeira etapa foi realizada a pesquisa documental e bibliográfica, na biblioteca da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Universidade Federal do Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi e Conselho Indigenista Missionário (CIMI). A segunda etapa foi a pesquisa de campo, durante dois meses, realizada na aldeia Missão Cururu (Rio Cururu) e na Aldeia Santa Cruz, (Rio São Manoel), no município de Jacareacanga no Pará.

Dentro do projeto "Aspectos da organização social e da cultura Mundurukú: Uma Visão de Dentro", delimito-o escolhendo uma temática muito enfatizada nas literaturas sobre nós Mundurukú: "os caçadores de cabeças". Pois, os nossos antepassados destacaram-se por apresentarem um espírito bélico e o hábito de cortar a cabeça de seus inimigos. Após passar por um processo de purificação, a cabeça tornava-se um objeto inseparável do portador. A essas cabeças eram atribuídos poderes mágicos, ou seja, ela atraía sorte nas caçadas de animais ao portador. Essas cabeças apresentavam poderes por tempo limitado. E após usufruir os benefícios, as cabeças perambulavam pelo chão e as crianças brincavam com tais objetos.

Mas, ao falecer, ao chegar no Mundo Sagrado dos Mundurukú, o espírito pertencente a cabeça tornava-se escravo do portador. Nesse mundo, os espíritos dos inimigos mortos e degolados, tornavam-se caçadores de animais para os portadores. Essa era razão mais profunda pela qual nossos antepassados cortavam e mumificavam cabeças de seus inimigos e muitas vezes de seus próprios iguais.

Palavras-chave: Povo Mundurukú (Wuynjengen), Caçadores de cabeças, Auto-etnografia.